

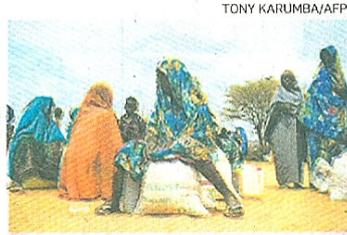
FOME NO MUNDO:

A notícia da página B-, 2 do jornal “O Estado de S. Paulo”, do dia 02 de outubro de 2013

PESQUISA FAO

Fome atinge 1 em cada 8 pessoas do mundo

Uma em cada oito pessoas no mundo passa fome, segundo a Organização da ONU para Alimentação e Agricultura (FAO). No período 2011-13, cerca de 842 milhões de pessoas não obtinham alimento suficiente para levar vidas ativas e saudáveis, aponta o estudo Situação de Insegurança Alimentar no Mundo, publicado todos os



anos pela FAO, o Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola e o Programa Mundial de Alimentação. O número é menor que os 868 milhões do período 2010-12.

transcreveu a pesquisa da FAO [Organização da ONU para a Alimentação e Agricultura], destacando que uma em oito pessoas no mundo passa fome! Afirmção que, em termos, ressuscitaria a Teoria Populacional Malthusiana elaborada

por Thomas Robert Malthus [1766 - 1834] foi estudioso de Economia, Estatística, Demografia e Ciências Sociais foi considerado o Pai da Demografia. Ao analisar o crescimento populacional dos Séculos XVII e XVIII, Malthus percebeu que a população humana nesse período tinha dobrado e que esse incremento da população era consequência do aumento da produção alimentícia, das melhores condições de vida, aperfeiçoamento no controle das doenças, bem como da implantação de saneamentos básicos e dos benefícios da revolução industrial. Com base nos resultados, em 1798 estabeleceu as diretrizes de sua teoria, pois com as mencionadas melhorias, houve diminuição da taxa de mortalidade e aumento da taxa de natalidade. Expôs suas ideias em dois livros conhecidos como Primeiro Ensaio e Segundo Ensaio: *"Um ensaio sobre o princípio da população na medida em que afeta o melhoramento futuro da sociedade, com notas sobre as especulações de Mr. Godwin, M. Condorcet e outros escritores"* (1798) e *"Um ensaio sobre o princípio da população ou uma visão de seus efeitos passados e presentes na felicidade humana, com uma*



Fig. 2 - Thomas R. Malthus
14-02-1766 — 23-12-1834.

investigação das nossas expectativas quanto à remoção ou mitigação futura dos males que ocasiona." (1803).

Preocupado com o crescimento populacional acelerado, Malthus alertou que o bem estar populacional estaria intimamente relacionado com crescimento demográfico do planeta, o que acarretaria a falta de recursos alimentícios para a população, gerando como consequência a fome. Essa conclusão foi o substrato do postulado de Malthus: a população crescendo em progressão geométrica, enquanto que o crescimento da produção de alimentos ocorria em progressão

aritmética. Concluindo o visionário que, inevitavelmente, a fome seria uma realidade, caso não houvesse um controle imediato da natalidade. A superpopulação ficaria sem controle até que surgissem predadores, capazes de executar o controle externo da população ou ocorresse controle populacional por fome. No caso da população humana o mencionado controle vem sendo feito pelas guerras, doenças ou pela miséria. A solução defendida por Malthus seria:

A sujeição moral de retardar o casamento;

A prática da castidade antes do casamento;

Ter somente o número de filhos que se pudesse sustentar.

Essa teoria foi então desmentida após a Revolução Industrial e com o avanço das técnicas agrícolas. Observe-se a seguir o crescimento populacional humano em bilhões de habitantes a partir de 1850 até os dias de hoje:

1 a 2 bilhões de pessoas entre 1850 a 1925 - 75 anos;

2 a 3 bilhões de pessoas entre 1925 a 1962 - 37 anos;

3 a 4 bilhões de pessoas entre 1962 a 1975 - 13 anos;

4 a 5 bilhões de pessoas entre 1975 a 1985 - 10 anos;

5 a 6 bilhões de pessoas entre 1985 a 1994 - 9 anos;

6 a 7 bilhões de pessoas entre 1994 a 2011 - 17 anos.

Farofa de besouro

Nico Graziano: Agrônomo, ex-secretário de Agricultura e secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo.

E-mail: xicograziano@terra.com.br

Artigo para: “o Estado de S.Paulo” Espaço Aberto – p.A2 / 01-10-2013.

Causou impacto, recentemente, a invenção do hambúrguer de laboratório. Pudera! Ninguém imaginava que as pesquisas com células-tronco, reconhecidas na saúde humana, pudessem produzir algo parecido com uma fábrica de carne. Assunto empolgante.

Existe forte movimento científico, puxado por pesquisadores heterodoxos, tentando descobrir novas fontes de proteína, necessárias para vencer o desafio alimentar da humanidade. Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU), a demanda por comida de boa qualidade aumentará, no mínimo, 60% até 2050.

Crescimento populacional, urbanização, aumento de renda e elevação da expectativa de vida das pessoas são os fatores principais desse movimento.

A **previsão** negativa de **Malthus**, feita em 1798, ficou famosa na História da humanidade. Mas não vingou. A agricultura conseguiu vencer o dilema entre o crescimento populacional e a oferta de alimentos, seja expandindo as terras cultivadas, seja, simultaneamente, elevando sua produtividade por área por meio da incorporação de tecnologia. A fome que, desgraçadamente, ainda persiste alhures se deve à má distribuição da renda entre as famílias, não à incapacidade de produção rural. Problema econômico, não agrônômico.

Porém, mesmo passando por sucessivas "revoluções verdes", parecem agora surgir dificuldades adicionais para a agropecuária prosseguir em sua saga vitoriosa. Primeiro, porque os reclamos ambientais da modernidade limitam a incorporação de novas terras, ainda florestadas, à produção, conforme se percebe claramente no Brasil. A opinião pública, ao contrário do passado, não quer o desmatamento. Antes inexisteriam limites à força expansiva no campo e, assim, todas as terras cultiváveis da Europa, do Oriente Médio, dos Estados Unidos, do Japão, da China e da Índia acabaram cedendo sua natural biodiversidade ao plantio e à criação. Floresceram as cidades.

Comparadas ao Velho Mundo, na América Latina a urbanização e a expansão da agropecuária se deu tardiamente. De forma semelhante, em muitos países asiáticos, como a Malásia e a Indonésia, e na maioria da África a ocupação produtiva do território somente agora é que ocorre para valer. Existe nesses países, ainda, boa disponibilidade de terras aráveis. Mas a grita da sociedade em favor da preservação ambiental restringe a sua ocupação. O machado, ou a motosserra, perderam totalmente o prestígio.

Em segundo lugar, em vastas localidades surgem restrições à continuidade da boa prática agrícola. O risco aterrador da desertificação pode atingir, ao final deste século, 40% da superfície terrestre. Na África, a degradação nos países subsaarianos periga afetar até 50% do território. Na Ásia e na América Latina, estimam-se 357 milhões de hectares prejudicados. Segundo a teoria do aquecimento global, cerca de metade das terras produtivas sofrerá com graves secas. O equilíbrio hídrico compromete-se pelo rebaixamento do lençol freático ao norte da China, onde residem 550 milhões de pessoas. Na Austrália é a salinização dos solos o grande vilão. Só notícia ruim.

Existem outros fatores. Economistas Agrários mostram que os chamados "ganhos marginais" do avanço tecnológico são decrescentes, quer dizer, **será cada vez mais difícil incrementar a produtividade da terra**. Argumenta-se também, com certa razão, que o **confinamento de**

animais está elevando o uso de rações balanceadas, fabricadas à custa da produção de grãos, especialmente soja, milho e sorgo. Se, por hipótese, fosse **eliminado o consumo de carne**, como apregoam os vegetarianos, **sobrariam mais cereais no mundo, embora isso alterasse a qualidade na dieta humana.** Por fim, muito alimento está sendo direcionado para o consumo dos bichos de estimação, cães e gatos, cuja população só aumenta.

Por essas e outras, um **novo paradigma alimentar se gesta nos ousados laboratórios.** Não apenas se sintetiza carne, como também se buscam fontes de proteína não convencionais. Nessa equação futurista, os insetos colocam-se na dianteira. Gafanhotos, besouros, baratas, grilos, formigas apresentam, em média, cerca de 50% de proteína em seus organismos, o dobro da encontrada nas carnes de mamíferos e aves, cinco vezes mais que em cereais ou batata. Ademais, seus esqueletos pectíneos se mostram ricos em ferro e vitaminas. Com elevada capacidade de reprodução, prevê-se facilidade na criação de insetos, possibilitando ter volume e rendimento na produção. Vem aí a “**insetocultura**”.

A “**entomofagia**”, quer dizer, a prática de ingerir insetos, sugere asco. Mas para muitas populações tradicionais eles são iguaria. No Vale do Paraíba paulista, **abdomes da formiga saúva**, conhecidos como bunda de içá, comem-se na frigideira há tempos. No Maranhão, **larvas de besouro (boró ou gongo)** encontradas no coco do babaçu são consumidas desde as origens indígenas. Noutras regiões do mundo, insetos também fazem parte do costume alimentar. No Japão fazem-se pratos com as cantantes cigarras, abatidas antes que sua casca endureça. Na Indonésia apreciam-se as libélulas. No México, ovos de formigas negras gigantes denominam-se “**caviar dos insetos**”. Os vietnamitas e os chineses gostam de escorpiões. Grande é a lista de esquisitices “**entomofágicas**”.

Tudo depende do costume alimentar, que muda com o tempo. Hoje em dia se ingerem petiscos indecifráveis como *nuggets*, *kani*, *snacks*, sem que as pessoas tenham ideia do seu conteúdo, cor e sabor artificiais. Precisando, acostumar-se-iam com uma farofa de besouro, bem temperada. Tem mais. Algas, micro-organismos, vermes, cascas, componentes ricos em proteínas, calorias e vitaminas, entraram na agenda da comida do futuro. Na mira do gourmet.